

FORTE DE PENICHE *work in progress*

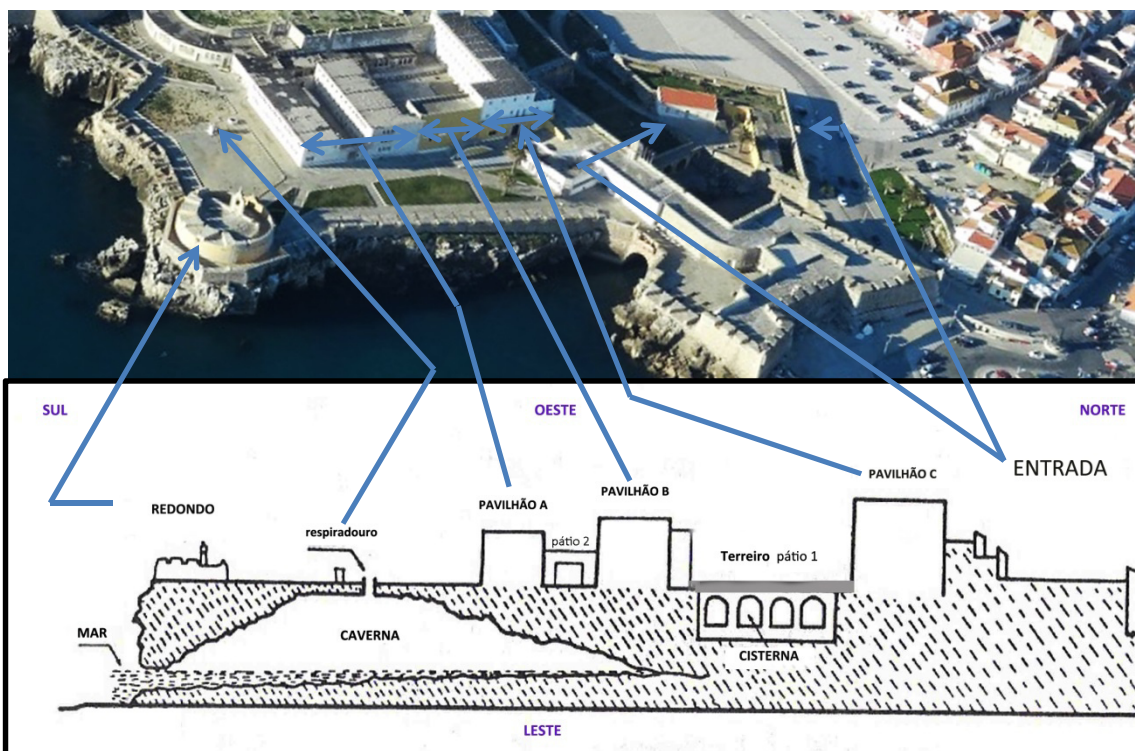
de Ricardo Costa <http://ricardocosta.net>

Comentários e propostas relativos à criação do futuro museu do Forte de Peniche [https://pt.wikipedia.org/wiki/Praça-forte de Peniche](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pra%C3%A7a-forte_de_Peniche), uma vez estar decidida a conversão do Museu Municipal de Peniche em museu nacional pelo Ministério da Cultura em abril de 2017.

SUL

OESTE

NORTE



A entrada faz-se pelo lado norte da fortificação, onde desemboca a Rua José Estêvão. Uma vez transposto o túnel de acesso ao largo principal do forte, localmente conhecido como 'Campo da Torre', avista-se à direita o PAVILHÃO C, o PAVILHÃO B, o PAVILHÃO A e o REDONDO.

PAVILHÃO C

Edifício pejado de celas nos dois pisos superiores, corresponde ao espaço anteriormente ocupado pelo Museu Municipal de Peniche, que será transferido para os outros dois pavilhões. Neste espaço será instalado o MUSEU DA RESISTÊNCIA, em homenagem aos combatentes antifascistas encarcerados no forte, que se opunham ao Estado Novo. O terreiro (pátio 1) anexo ao Pavilhão C, espaço murado de alta segurança, era onde os prisioneiros conviviam nas horas de recreio. No subterrâneo desse espaço situa-se a cisterna existente desde a construção da praça-forte. No túnel do Pavilhão C encontra-se o célebre PARLATÓRIO, um cubículo envidraçado onde era permitido que os familiares dos presos os visitassem de vez em quando, mas com propositada raridade.

PAVILHÃO B

Espaço ocupado pela primitiva capela da praça-forte. Denominada Capela de St^a. Bárbara ([nota 1](http://www.cm-peniche.pt/MuseuMunicipal_Fortaleza_Pinteresse_CapelaSBarbara) http://www.cm-peniche.pt/MuseuMunicipal_Fortaleza_Pinteresse_CapelaSBarbara e [nota 2](http://cabo-carvoeiro-historico.blogspot.pt/2010/03/capela-de-santa-barbara-na-fortaleza-de.html) <http://cabo-carvoeiro-historico.blogspot.pt/2010/03/capela-de-santa-barbara-na-fortaleza-de.html>), é contígua ao terreiro do Pavilhão A, a todo o seu comprimento.

PAVILHÃO A

Tal como o Pavilhão C, era um edifício celular. O terceiro piso estava apetrechado com uma cozinha e um refeitório. Havia aí camaratas para presos transferidos de cadeias como o Aljube.

REDONDO

Fortificação primitiva do complexo defensivo da ilha de Peniche, era utilizada a mando de Salazar para punições extremas. É vulgarmente conhecido como o 'segredo'.



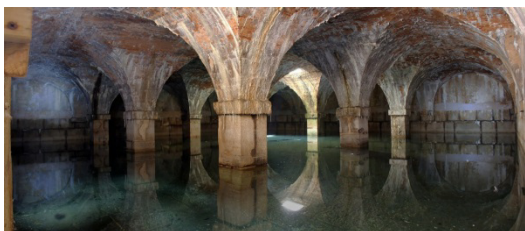
TEMAS

1 – O **recurso a imagens** que ilustrem tanto o acervo do Museu da Resistência como o do Museu Municipal de Peniche é algo necessário, sem prejuízo de qualquer reserva sensata, como a de evitar “encher as paredes” com fotografias. Evitar narrativas patéticas não será coisa menos importante. Entendo ser indispensável o uso da imagem, colocando nos espaços temáticos, com discrição e bom gosto, representações iconográficas adequadas e esclarecedores grafismos. É isto que defendo no artigo <http://rcfilms.dotster.com/museu-acervo.pdf> que escrevi aquando da a criação do MMP, em dezembro de 1983.

2 – No que toca a **gestão museológica** será inevitável ter-se em conta que existirão dois museus diferentes, com características completamente diferentes, ocupando áreas diferentes : o da resistência e o municipal. A gestão de cada um deles terá forçosamente de ter directivas diferentes, exigindo conhecimentos, práticas diferentes e diferente tratamento. Isso implicará a existência de diferentes gestores (directores executivos?). Fiquei a saber, na reunião que tive a 14 de dezembro deste turbulento ano de 2017 com a arquiteta Paula Silva, directora do MNPC, que a admissão de directores (directores gerais?) será feita por concurso público nas áreas de arquitetura e museologia e que, devido a condicionamentos burocráticos, a sua entrada em serviço terá para já um atraso superior a dois meses, o que por força do absurdo, atrasará o início das obras. Perante tudo isto, receio que a conclusão delas se atrase bem mais que o previsível, por muito cautelosa que seja a estima. Por isso mesmo julgo ser importante alertar para o que está em causa tanto o Senhor Ministro da Cultura como o Senhor Presidente da CMP. Ambos terão por certo vontade e meios capazes de fazer frente a tais problemas e, juntos, de superar as dificuldades e minimizar os atrasos.

3 – Sinto alguma estranheza perante a hipótese de se iniciarem **obras de restauro e de renovação** sem um planeamento cuidado e minucioso do que haverá a fazer e sem o devido e merecido conhecimento público. Fundamenta-se tal estranheza no facto (aparente?) de eu não ter encontrado qualquer referência a esse assunto no que entretanto tem sido anunciado.

4 – Este meu pressuposto é reforçado também pela ausência de informação sobre o aproveitamento de espaços em geral e em particular quanto ao **Museu da Resistência**. No essencial, o bloco que ele irá ocupar é o único que até hoje foi recuperado. Foi aí que a CMP instalou o museu da cidade. Graças a isso, o MR não necessitará de obras de vulto, a não ser o arranjo de paredes no exterior e pouco mais. No entanto, não é do conhecimento público qualquer plano para o preenchimento desse espaço, o que, tal como me parece, é questão delicada que merce a devida atenção a curto prazo. Relacionados com isto estão os destinos da capela e da cisterna, que integram o pavilhão destinado ao Museu da Resistência. A **capela** tem servido para concertos com bons resultados e terá, com pouco apetrechamento, razoáveis condições para a projecção de filmes e para palestras ilustradas com imagens. A **cisterna** tem valor patrimonial também, secundário mas importante, estando porém condicionada por uma escadaria estreita que só permite a passagem de pessoa a pessoa e por falta de espaço para visitantes em redor do lençol de água. Como solução, pensei ser razoável abrir-se uma entrada pelo topo dando acesso dos visitantes a uma plataforma suspensa, algo de original para um lugar como este. Bem concebida, tal coisa permitiria a produção de eventos espectaculares para quem disso gosta ou de audiovisuais menos festivos para gente menos excitável. Verifiquei um dia depois, com umas insónias pelo meio, que as visitas terão mesmo de ser feitas por essa escada. Não há crise, pensei eu ao acordar dessa noite mal dormida : a plataforma não seria suspensa mas sim apoiada em quatro ou mais discretos pilares assentes nas lajes da cisterna, tal como as colunas.



perspectiva do observador ao fundo das escadas



5 – O terreiro do **respiradouro da furna** (situado a poente), poderá ser usado para fins semelhantes, mas pontuais. Convém no entanto deixá-lo desocupado.

6 – Suponho ainda ser importante considerar como necessária a existência de espaços destinados a **exposições permanentes**, como será o caso do histórico naufrágio do galeão San Pedro de Alcântara https://pt.wikipedia.org/wiki/San_Pedro_de_Alc%C3%A2ntara junto do ilhéu da Papôa <http://www.portugalnummapa.com/papoa/> e da importantíssima jazida de fósseis existente entre a Ponta do Trovão <https://www.publico.pt/2006/11/17/ciencia/noticia/peniche-ponta-do-trovaio-tem-valor-geologico-mundial-1276967> e o referido ilhéu, tornando essas exposições contíguas no espaço museológico tal como o são no geográfico.

7 – Converter as **zonas de céu-aberto** situadas **entre os dois pavilhões** em áreas cobertas serão obras de baixo custo e de excelência. As áreas são amplas e por isso adequadas para reunir um número elevado de pessoas, destinando-se a diversos fins, a espectáculos de artes performativas ou a actividades ocasionais, dispersas em núcleos contíguos. O pátio mais pequeno, a sul, poderá ter uma esplanada associada a uma cafeteria ou restaurante – o que está previsto – e será porventura o melhor espaço para esse fim. Um arranjo bem arquitectado desses dois espaços, interligando-os (têm um corredor comum entre muros) poderá melhorar a estética do conjunto e valorizar substancialmente o forte.

8 – Tendo em conta os vastos edifícios e as possibilidades que oferecem, como num mágico tabuleiro de xadrez, julgo que o **conceito museológico** que animará o Forte de Peniche será por natureza inovador. Não faltam condições para que aí não só a memória tenha vida. Há condições ainda para o cultivo da imaginação, para actividades criativas, aguerridas, para a invenção, para a pedagogia, para que o progresso singre (com a grupos de trabalho coniventes *in loco*), numa terra historicamente dependente do mar e que dele dependerá também no seu futuro. No terreiro do pavilhão C <http://rcfilms.dotster.com/forte-terracos.pdf> haverá guerreiros movendo-se de quadrado a quadrado, num decisivo jogo de xadrez.

9 – Aí, a **imagem** de tudo o que lá existe tem um **nome** : quadros e quadradinhos *ready-made* como os chicharos, os bacalhaus do Tenreiro <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218729406D7rDD2xe0Dy51UR4.pdf>, as postas de safio cheias de espinhas que aí se comiam ao almoço e ao jantar, ontem, hoje, amanhã e depois. Todas as paredes dos edifícios, de uma ponta à outra, estão cheias de quadradinhos. Todas essas janelas têm espessas grades de ferro a travar o sonho, que noite sim noite não, degenerava em pesadelos bem mais negros que os do pincel do Dali <http://expresso.sapo.pt/cultura/2017-12-16-O-que-aconteceu-em-Cadaques-nao-ficou-em-Cadaques-Eros-Dali-e-Duchamp->. As lajes desgastadas do terreiro do pavilhão C, pisadas e repisadas pelos cativos ao longo de anos e anos em breves horas de recreio fora de celas quadradas, são o tabuleiro de xadrez em que assenta um diamante implantado sobre a boca da cisterna : linhas convergindo num ponto de fuga para um céu cor-de-mar.



A imagem destas imagens, o nome de todos os nomes usados para a designar, terá de ser acrónimo.

10 – Trata-se de atribuir um nome que poderá estar associado a determinada imagem, dando a percepção imediata do que se trata (neste caso um museu), destacando um local (neste caso Peniche) ou um conceito (qual, neste caso?). Em qualquer dos casos, será um acrónimo <https://pt.wikipedia.org/wiki/Acr%C3%B3nimo> portador de uma imagem o que está em foco, ou seja, o nome do museu. Neste caso, destacar o conceito de museu, nacional ou municipal, é simples. Destacar no acrónimo o conceito de “resistência” ou de “liberdade” será mais complexo visto que cada um desses significados se refere a uma generalidade, tornando-se impreciso : há resistência em liberdades contraditórias.

10 – Nome de domínio https://en.wikipedia.org/wiki/Domain_name resume o nome da entidade a que se refere (exemplo : Museu Guggenheim <https://www.guggenheim.org>). Um nome de domínio deve ser registado pela própria entidade a que se refere. Se o registo for feito por outrem, será propriedade sua e não da entidade : uma “patente” registada em nome de segunda pessoa, com todas as consequências que daí possam advir. O registo é feito em tempo real, logo que o respectivo pagamento é efectuado. Tal registo custa cerca de 10 € por ano, variando para menos ou mais.

Um nome de registo termina sempre com uma extensão: com, net, info, org, etc, conforme o fim a que se destina : comércio, divulgação online, informação, entidade. Para um museu, a extensão será **org**, nome de domínio de topo https://en.wikipedia.org/wiki/Top-level_domain.

Para “Museu de Peniche” encontram-se livres os seguintes nomes : museupeniche.**ORG** museupeniche.**COM** museupeniche.**NET** museupeniche.**INFO**. Qualquer deles é nome de domínio de topo e custará anualmente entre cerca de 3 a 25 €. Um nome de domínio deve identificar-se tanto quanto possível com um acrónimo.

ACRÓNIMOS

dois exemplos :

* **MTM Museu da Terra e do Mar** (museu nacional de Peniche)

Prós : o título é bonito.

Contras : há muitos registos deste acrónimo.

* **MPNI Museu de Peniche** (museu nacional da terra e do mar)

Prós : o acrónimo contém as letras PNI (Peniche). Fala por si, evoca uma imagem forte. Será facilmente lembrado / Só existe um registo : *Ministry of Pensions and National Insurance (UK)* – entidade defunta

Contras : a grafia MTM funciona melhor, mas já não há acrónimos de 3 letras sem registo e cada um deles, ao agrupar um número considerável de entidades, terá pouco ou nenhum interesse.

Ficaria assim o registo:

MPNI stands for Peniche museum (PT) <http://www.alamy.com/stock-photo/coastal-fortress-peniche-portugal.html>

NB : esta definição deverá estar à cabeça de qualquer referência maior, e com particular destaque na própria pág. web do museu.

9 – NOTA FINAL : muita electricidade será consumida na Fortaleza de Peniche. A vastidão dos terraços permitirá a instalação de múltiplos painéis solares em pontos estratégicos, o que resultará numa considerável poupança de energia. Com ligação à rede pública, haverá retoma. Bom seria que a coisa ficasse assente antes das obras. Além dos painéis, a implantação de geradores eólicos, também nos terraços, será mais poupança e a instalação de uma central eléctrica num local adequado será necessária. O melhor é o pavilhão térreo na extremidade sudoeste do forte.



ENERGIAS RENOVÁVEIS

https://pt.wikipedia.org/wiki/Energia_renov%C3%A1vel_em_Portugal

ENERGIA EÓLICA

https://pt.wikipedia.org/wiki/Energia_e%C3%B3lica_em_Portugal

três exemplos :

Connect2Sun

http://connect2sun.pt/?oclid=CjwKCAIA1O3RBRBEIwAc8FD_JJct20EY2MAR9K02YcFL4H4Mo1ctn577m6s4eTIVAs2ND_t8oCy100AvD_BwE

Iberwind

<http://www.iberwind.pt/>

Lobosolar

<http://www.lobosolar.com/sobrenos/>

PAVILHÕES (anexo ao documento)

<http://rcfilms.dotster.com/forte-terraços.pdf>

documento criado a 25 de dezembro 2017

© Ricardo Costa [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ricardo_Costa_\(cineasta\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ricardo_Costa_(cineasta))